

≡ CAPÍTULO 1 ≡

Lar

Um borrão de céu azul sobre a minha cabeça.

Sem nuvens.

Perfeito.

Assim como o céu na vida real, só que um pouco mais azul e com um pouco menos de sol nos meus olhos.

Acho que o céu na vida real não é realmente perfeito. Talvez seja isso que o torne tão perfeito.

Que o tornasse.

Fechei bem os olhos de novo.

Eu estava enrolando.

Não sabia se estava pronto para ver o que havia ali. É claro que o céu parecia melhor, com o Paraíso sendo o que era e tudo mais.

Não que achasse que era onde eu estava. Fui um cara legal, em minha opinião. Mas tinha visto o bastante até então para saber que tudo que eu pensava sobre tudo estava errado.

Tinha a mente aberta, ao menos pelos padrões de Gatlin. Havia ouvido todas as teorias. Assistira a mais que minha cota de aulas dominicais. E, depois do acidente da minha mãe, Marian me contou sobre uma aula de budismo em Duke, quando um professor chamado Buda Bob explicou que o Paraíso era uma lágrima dentro de uma lágrima, ou alguma coisa assim. No ano anterior, minha mãe tentou me fazer ler o *Inferno* de Dante, que Link disse ser sobre um prédio de escritórios em chamas, mas, na verdade, era sobre a viagem de um sujeito pelos nove círculos do Inferno. Só me lembro da parte sobre monstros ou demônios presos em um poço de gelo, contada pela minha mãe. Acho que era no nono círculo do

Inferno, mas havia tantos círculos lá embaixo, que, depois de um tempo, todos ficaram parecidos.

Depois que aprendi sobre os mundos subterrâneos, outros mundos e mundos paralelos, e tudo mais que entrava no bolo de três camadas de universos que era o mundo Conjurador, aquela primeira visão de céu azul estava boa para mim. Fiquei aliviado de ver que havia algo parecido com um cartão brega da Hallmark esperando por mim. Eu não estava imaginando portões perolados nem bebês querubins nus. Mas o céu azul era um detalhe legal.

Abri os olhos de novo. Ainda azul.

Azul da Carolina.

Uma abelha gorda zumbiu sobre minha cabeça, voando em direção ao céu, até se chocar contra ele, como tinha feito milhares de vezes antes.

Porque não era o céu.

Era o teto.

E ali não era o Paraíso.

Eu estava deitado na velha cama de mogno, no meu ainda mais velho quarto na mensão Wate's.

Eu estava em casa.

E isso era impossível.

Pisquei.

Ainda em casa.

Será que foi um sonho? Esperava desesperadamente que sim. Talvez tivesse sido, assim como em todas as manhãs durante os primeiros seis meses depois da morte da minha mãe.

Por favor, faça com que tenha sido um sonho.

Estiquei a mão e tateei na poeira debaixo da cama. Senti a pilha familiar de livros e peguei um.

Odisseia. Um dos meus quadrinhos favoritos, apesar de eu ter quase certeza de que a Mad Comix havia tomado algumas liberdades em relação à versão escrita por Homero.

Hesitei e peguei outro. *On the Road — Pé na estrada*. A primeira visão do Kerouac foi uma prova inegável, e rolei de lado até conseguir ver o quadrado pálido na parede onde, até alguns dias atrás (só isso?), o velho mapa estava pendurado, as linhas verdes circulando os cenários dos meus livros favoritos que eu queria visitar.

Era meu quarto mesmo.

O relógio antigo na mesa ao lado da cama não parecia mais estar funcionando, mas todo o resto parecia igual. Devia ser um dia quente para janeiro. A luz que entrava pela janela quase não parecia natural, como se eu estivesse em um dos *storyboards* ruins de um vídeo dos Holy Rollers feito por Link. Mas fora a iluminação de cinema, meu quarto estava exatamente como deixei. Assim como os livros debaixo da cama, as caixas de sapato com toda a minha história de vida ainda estavam empilhadas contra as paredes. Tudo que devia estar lá estava, pelo menos até onde eu percebia.

Menos Lena.

L? Você está aí?

Não conseguia senti-la. Não conseguia sentir nada.

Olhei para minhas mãos. Elas pareciam normais. Nada de hematomas. Olhei para a camiseta branca. Nada de sangue.

Nenhum buraco na calça jeans nem no meu corpo.

Fui para o banheiro e me olhei no espelho em cima da pia. Ali estava eu. O mesmo Ethan Wate de sempre.

Eu ainda estava olhando para meu reflexo quando ouvi um som no térreo.

— Amma?

Meu coração pareceu disparar, o que era bem estranho, pois, quando acordei, eu nem sabia se ele estava batendo. Fosse como fosse, eu conseguia ouvir os sons familiares da minha casa, vindo direto da cozinha. Tábuas gemiam quando alguém andava de um lado para o outro em frente aos armários, ao fogão e à velha mesa da cozinha. Os mesmos velhos passos, fazendo as mesmas coisas de sempre, de manhã.

Se fosse de manhã.

O cheiro de nossa velha frigideira no fogão veio lá de baixo.

— Amma? Isso não é bacon, é?

A voz estava clara e calma.

— Querido, acho que você sabe o que estou preparando. Só tem uma coisa que sei cozinhar. Se é que você pode chamar isso de cozinhar.

Aquela voz.

Era tão familiar.

— Ethan? Quanto tempo você vai me fazer esperar pra te dar um abraço? Estou aqui embaixo há muito tempo, querido.

Eu não conseguia entender as palavras. Não conseguia ouvir nada além da voz. Eu a tinha ouvido antes, não fazia muito tempo, mas nunca assim. Tão alta, clara e cheia de vida, como se ela estivesse no andar de baixo.

E ela estava.

As palavras eram como música. Afastaram toda a infelicidade e confusão.

— Mãe? Mãe!

Corri pela escada, pulando três degraus de cada vez, antes de ela poder responder.